

---

## **EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA NO ASSENTAMENTO PROFESSOR MAURICIO DE OLIVEIRA ASSÚ/RN: UMA LEITURA A PARTIR DO GRUPO DE MULHERES POR MEIO DA CONSTRUÇÃO DO MAPA PARTICIPATIVO**

**Maria Leni Barros da Rocha<sup>1</sup>; Zenis Bezerra Freire<sup>2</sup>; Heronilson Pinto Freire<sup>3</sup>**

1 Especialista em Ensino de Geografia UERN. Email:[mlenibr@gmail.com](mailto:mlenibr@gmail.com)

2 Profa. Dra. Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Email: [zenisbezerra@uern.br](mailto:zenisbezerra@uern.br);

3 Prof. Dr. Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Email: [heronilsonfreire@uern.br](mailto:heronilsonfreire@uern.br)

### **Resumo**

Sabe-se que a Educação Geográfica vem apontando uma significativa contribuição na construção e fundamento dos conhecimentos geográficos, fato que tem demandado uma preocupação referente a carência de pesquisas e compreensão dessa temática em diferentes escalas, em diversos contextos. No entanto, não foram encontradas pesquisas que abordassem a educação geográfica no contexto do assentamento rural em foco. O presente estudo buscou identificar a prática da educação geográfica na agrovila do assentamento Professor Mauricio de Oliveira, na cidade de Assú/RN, por meio das atividades realizadas nesse espaço, pelo grupo de mulheres agricultoras. Para tanto, foi necessário observar as atividades realizadas por elas, refletir com o grupo envolvido na pesquisa os métodos usados para troca de saberes e relacionar as atividades realizadas com a prática da educação geográfica. Por fim, construir o mapa participativo com o grupo em análise para auxiliar na representação do seu espaço, a fim de contribuir na coleta de dados para o resultado do estudo. Realizou então, uma pesquisa qualitativa, de cunho investigativo, baseando-se em referenciais teóricos, que contou com a contribuição dos principais autores, Castellar (2006); Santos e Souto (2018); Gorayeb; Meireles, (2014); entre outros, além da pesquisa de campo. Os dados indicaram uma escassez de mais debates e esclarecimento do termo Educação Geográfica, além, de ressaltar a importância do mapa participativo em assentamentos rurais, que contribui para a representação do espaço cotidiano das comunidades tradicionais. Esses resultados dão suportes à visão de que este espaço é um importante ambiente para promoção de conhecimentos geográficos e práticas socioeducativas.

**Palavras-chave:** Educação Geográfica; Assentamento Professor Maurício de Oliveira; Mapa Participativo.

### **GEOGRAPHIC EDUCATION IN THE PROFESSOR MAURICIO DE OLIVEIRA SETTLEMENT, ASSÚ/RN: AN INTERPRETATION FROM THE PERSPECTIVE OF THE WOMEN'S GROUP THROUGH THE CONSTRUCTION OF A PARTICIPATORY MAP**

### **Abstract**

It is known that Geographic Education has made a significant contribution to the construction and foundation of geographic knowledge, which has raised concerns regarding the lack of research and understanding of this subject at different scales and in various contexts. However, no studies were found that addressed geographic education in the context of the rural settlement in focus. This study aimed to identify the practice of geographic education in the agro-village of the Professor Mauricio de Oliveira settlement, in the city of Assú/RN, through activities carried out by a group of women farmers. To this

end, it was necessary to observe the activities carried out by them, reflect with the group involved in the research on the methods used to share knowledge, and relate the activities carried out to the practice of geographic education. Finally, a participatory map was constructed with the group to assist in the representation of their space, contributing to the collection of data for the study's results. A qualitative, investigative research was conducted, based on theoretical references, which included contributions from key authors such as Castellar (2006), Santos and Souto (2018), Gorayeb and Meireles (2014), among others, as well as field research. The data indicated a lack of further discussions and clarification of the term Geographic Education, in addition to highlighting the importance of participatory mapping in rural settlements, which contributes to the representation of the everyday space of traditional communities. These results support the view that this space is an important environment for the promotion of geographic knowledge and socio- educational practices.

**Keywords:** Geographic Education; Professor Maurício de Oliveira Settlement; Participatory Map..

## **EDUCACIÓN GEOGRÁFICA EN EL ASENTAMIENTO PROFESOR MAURICIO DE OLIVEIRA, ASSÚ/RN: UNA INTERPRETACIÓN DESDE LA PERSPECTIVA DEL GRUPO DE MUJERES A TRAVÉS DE LA CONSTRUCCIÓN DE UN MAPA PARTICIPATIVO**

### **Resumen**

Sabe-se que a Educação Geográfica vem apontando uma significativa contribuição na construção e fundamento dos conhecimentos geográficos, fato que tem demandado uma preocupação referente a carência de pesquisas e compreensão dessa temática em diferentes escalas, em diversos contextos. No entanto, não foram encontradas pesquisas que abordassem a educação geográfica no contexto do assentamento rural em foco. O presente estudo buscou identificar a prática da educação geográfica na agrovila do assentamento Professor Mauricio de Oliveira, na cidade de Assú/RN, por meio das atividades realizadas nesse espaço, pelo grupo de mulheres agricultoras. Para tanto, foi necessário observar as atividades realizadas por elas, refletir com o grupo envolvido na pesquisa os métodos usados para troca de saberes e relacionar as atividades realizadas com a prática da educação geográfica. Por fim, construir o mapa participativo com o grupo em análise para auxiliar na representação do seu espaço, a fim de contribuir na coleta de dados para o resultado do estudo. Realizou então, uma pesquisa qualitativa, de cunho investigativo, baseando-se em referenciais teóricos, que contou com a contribuição dos principais autores, Castellar (2006); Santos e Souto (2018); Gorayeb; Meireles, (2014); entre outros, além da pesquisa de campo. Os dados indicaram uma escassez de mais debates e esclarecimento do termo Educação Geográfica, além, de ressaltar a importância do mapa participativo em assentamentos rurais, que contribui para a representação do espaço cotidiano das comunidades tradicionais. Esses resultados dão suportes à visão de que este espaço é um importante ambiente para promoção de conhecimentos geográficos e práticas socioeducativas.

**Palabras clave:** Profesores de Geografía. Tecnologías digitales. Enseñanza Aprendizaje.

### **INTRODUÇÃO**

É fato que a temática da Educação Geográfica tem sido cada vez mais discutida por professores e pesquisadores, porém, o presente estudo observa que ainda há uma lacuna a ser preenchida. Também é fato, que avanços significativos tem ocorrido no sentido da relevância de uma educação voltada para os saberes empíricos dos educandos, ressaltando a contribuição de autores como Freire (1987), que convém lembrar, de suas ideias voltadas para uma educação baseada em estímulos, observações, vivências, e não apenas em metodologia conteudistas, onde

acreditava que para tornar cidadãos críticos e capazes de transformar o seu espaço, era necessário juntar o conhecimento adquirido no ambiente escolar com o conhecimento empírico dos aprendizes, adquirido com suas vivências, experiências, observações e inquietações.

Nesse contexto, Freire (1987), acreditava em uma educação que pudesse ir além dos muros das salas de aula e que ajudasse os aprendizes a conhecerem e entender seu espaço, e assim, poder atuar como cidadãos reflexivos, críticos e participativos, não obstante da ideia da educação geográfica que hoje é discutida por muitos educadores como Castellar (2005); Callai (2018); Santos e Souto (2018).

Dessa forma, o trabalho cujo tema “Educação Geográfica no Assentamento Professor Mauricio de Oliveira, Assú/RN: uma leitura a partir do grupo de mulheres por meio da construção do mapa participativo” tem como objetivo geral, analisar as práticas de educação geográfica no contexto das mulheres agricultoras no assentamento Professor Mauricio de Oliveira. Assim sendo os objetivos específicos versam sobre: Discutir as atividades realizadas pelas mulheres do assentamento como prática da educação geográfica. Refletir sobre o mapeamento participativo executado pelo grupo de mulheres envolvidas na pesquisa na representação do seu espaço.

Os objetivos desse trabalho se construíram pela observação do cenário em que se apresenta o Brasil, a respeito da preocupante escassez de discussões sobre a importância da Educação Geográfica e o processo que se conduz essa prática, apresentando no decorrer desse estudo a necessidade de se intensificar análises desta natureza, principalmente se tratando em assentamentos rurais, exatamente pelas relevantes dinâmicas e diversidades que esses espaços apresentam.

Desse modo, algumas questões são pertinentes para esta pesquisa, como: O que é educação geográfica? Quais as práticas de educação geográfica se materializam no Assentamento Professor Mauricio de Oliveira? Quais aproximações dos saberes das mulheres agricultoras do assentamento se correlacionam com Educação geográfica? E como o grupo de mulheres agricultoras do assentamento constroem a troca de saberes entre si?

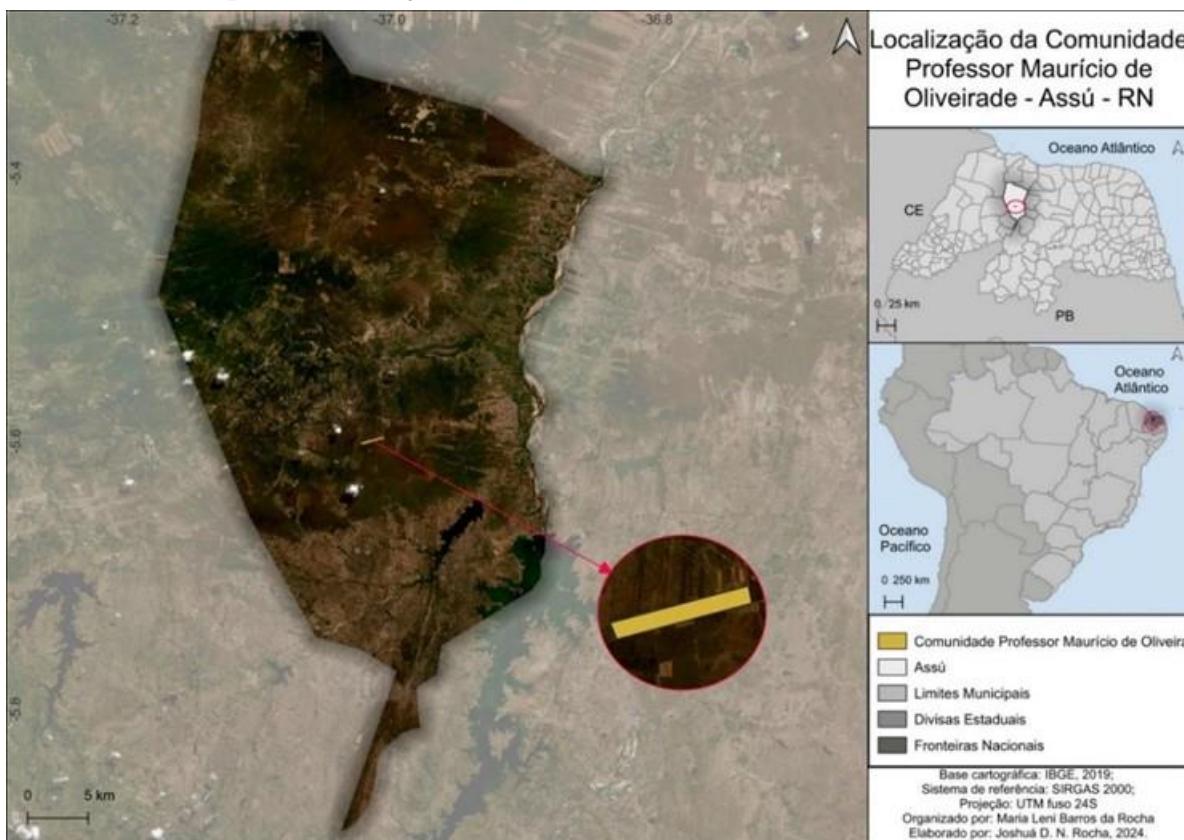
Sendo assim, o presente trabalho se justifica por apresentar elementos significativos que possam identificar a prática e fortalecer a importância da Educação Geográfica no contexto de assentamentos rurais, para aprimorar os debates e assim colaborar no esclarecimento desse saber geográfico, para que possa ser inserido no cotidiano de todos os espaços educativos, considerando que o termo educação geográfica ainda é visto como, confuso, tanto no meio acadêmico, como entre profissionais da área de educação, como aponta os estudos que serão descritos no decorrer deste artigo, o que torna essa pesquisa relevante para que mais debates sobre essa temática sejam desenvolvidos.

Nesse sentido, o recorte espacial escolhido para a realização deste trabalho é o Assentamento Professor Mauricio de Oliveira, que fica localizado no município de Assú/RN às margens da BR-304.

O município de Assú, fica localizado no interior do Rio Grande do Norte, de acordo com IBGE (2022), possui 56.496 habitantes, dessa população 13.868 residem na zona rural, conforme o censo do IBGE (2010). A microrregião do município apresenta condições

climáticas, solo e relevo com características propícias para o processo de produção de diversas culturas e suas variações, inclusive a fruticultura irrigada tem sua marcante presença no município, segundo IBGE (2019). Sendo assim, o mapa 1 mostra a localização da comunidade Professor Mauricio de Oliveira.

**Mapa 1 - Localização do assentamento Professor Maurício de Oliveira**



**Fonte** - Joshuá Davinci Nunes Rocha (2024).

Se tratando de assentamentos rurais, é pertinente ressaltar, que estes territórios contribuem também para a educação dos moradores, estudantes, pesquisadores, todos os sujeitos que se relacionam com os saberes que advém destes espaços. Por meio de atividades referentes a educação ambiental, produção de alimentos saudáveis, organização do espaço produtivo, relações sociais, disputas de poderes, da economia solidária, contribuem para a construção de uma sociedade reflexiva, crítica e igualitária.

O Assentamento Professor Mauricio de Oliveira, segundo Nascimento e Silva (2015), está situado nas limitações geográfica do sertão, apresentando características ambientais predominante ao clima semiárido, que é o clima predominante na região nordeste, possuindo uma área total de 3.312ha, beneficiando 70 famílias que desenvolvem diferentes atividades agrícolas por todo o espaço conquistado, sendo reconhecida como uma comunidade de reforma agrária, titulado pelo o Instituto Nacional de Colonização e de Reforma Agrária (INCRA), como mostra a figura 1 da placa de identificação da comunidade que se encontra na entrada do assentamento.

**Figura 1 - Placa de identificação do Assentamento Professor Maurício de Oliveira**



**Fonte** - Trabalho de campo, acervo da autora, 2024.

Segundo a Articulação Semiárida brasileira (ASA 2024), a luta e resistência fazem parte da história dessas mulheres agricultoras, que se inicia no ano de 1990, quando famílias agricultoras perderam suas terras para empresas do agronegócio, estreando uma história de desapropriação de terras, exploração de mão de obra e contaminação de suas terras por agrotóxicos. Somente em 2003, pela iniciativa de um grupo de agricultores que viviam na condição de sem-terra, se consolidou o Projeto de Assentamento Professor Mauricio de Oliveira (Otaciano, 2024, p, 39).

Nesse sentido, ainda segundo Nascimento e Silva (2015), esse assentamento foi criado, para contemplar os moradores trabalhadores rurais, pessoas que não possuíam terras, nem moradias, que hoje, são reconhecidos pela reforma agrária. Os lotes foram organizados em agrovila e lotes coletivos, além de contar com uma área para Reserva Legal, a respeito da organização do espaço, em cada lote familiar, o proprietário tem orientação para desenvolver atividades agropecuária, hortifrutigranjeiro com os quintais produtivos, plantação de capim elefante, dando destaque para agricultura familiar que abastecem as feiras livres de Assú.

Destacando ainda, que os agentes fomentadores dessa trajetória são as mulheres que viabilizaram com seus sonhos, suas determinações e trabalhos, resistindo a pressão das

empresas do agronegócio, participando de reuniões, organizando-se em movimentos sociais, buscando informações que contribuíram para apontar novos caminhos que fizeram mudar as vidas dessas famílias que hoje vivem na agrovila do assentamento, conforme, mostra a pesquisa de campo.

De acordo com as observações do presente estudo, a relevância que esse espaço apresenta para a promoção de saberes geográficos, contribui para o desenvolvimento de mais debates a respeito do assunto, educação geográfica em assentamentos rurais, tentando responder as indagações que levaram essa pesquisa. Para a realização desse trabalho de investigação qualitativa, de natureza exploratória, baseada nos estudos de Fernandes (2017), sustenta que a fonte direta dos dados para uma pesquisa de investigação qualitativa é o ambiente, onde o pesquisador é o principal instrumento, apoiando-se na observação como sua principal ferramenta de coleta de dados.

Dito isto, o presente trabalho ancorou-se em procedimentos como: levantamento bibliográfico e leitura de textos que contribuíram para educação geográfica, os principais autores como: Castellar (2006); Callai (2018); Santos e Souto (2018), e para apresentação do assentamento Professor Mauricio de Oliveira, contribuíram: Nascimento; Silva (2015); Otaciano (2024) além dos autores: Gorayeb; Meireles, (2014); Araujo; Anjos e Filho (2017), Souto; Menezes; Fernandes (2021); Quintanilha; Deus (2022) essenciais para o entendimento do conceito da cartografia social, apresentando a metodologia do mapa participativo.

Outra etapa importante, foi a pesquisa em campo, realizada entre as datas 04/06/2024 a 27/07/2024, que resultou em dados coletados por meio de observação com registros fotográficos, registros escritos manuais em diário de campo e o uso da ferramenta da cartografia social como instrumento de intervenção com a construção do mapa participativo.

Destacando que, o mapeamento participativo se construiu a partir de uma oficina ministrada pela pesquisadora com a participação de 12 mulheres agricultoras, cuja faixa etária é aproximadamente, entre 40 a 60 anos, ressaltando que são as protagonistas de melhorias, organização e fonte de renda para as famílias da agrovila desse assentamento, onde, por meio de trabalhos que promovem a conservação ambiental, produção de alimentos saudáveis, e melhorias para o espaço da agrovila, sempre ressaltando o bem estar de todos os moradores do assentamento.

Onde, por meio de uma imagem do assentamento Professor Mauricio de Oliveira projetada em cartolina, se desenhou o espaço da agrovila com suas características próprias de acordo com a leitura dessas mulheres que vivem, organizam e sonham nesse espaço.

Desse modo, a pesquisa em campo se desenvolveu com a realização de quatro visitas no local de análise que proporcionou observações das atividades, registro fotográfico, registro em diário de campo, registro em GPS e drone para demarcação de algumas áreas onde acontecem as atividades, como mostram as imagens da figura 2.

**Figura 2 - Imagem aérea do Assentamento Professor Maurício de Oliveira**



**Fonte:** Joshuá Davinci Nunes Rocha (2024).

Os participantes foram escolhidos com base no destaque nas atividades realizada por um grupo de mulheres na agrovila do assentamento, por elas apresentarem no seu cotidiano, trabalhos relacionados a conservação ambiental, guardiãs de mudas, farmácia viva com suas culturas de ervas medicinais, hortas comunitárias, produção do algodão agroecológico, manejo com apicultura, entre outras, por representar uma aproximação com a prática da Educação Geográfica.

Por fim, no decorrer do trabalho versamos ao longo dos tópicos por discussões que perpassam a Educação Geográfica, o Assentamento Professor Mauricio de Oliveira e a Cartografia Social, nesta última, apresenta uma sucinta discussão a respeito da metodologia do mapa participativo, que é visto como uma ferramenta da cartografia social, primordial para análise e discussão das complexidades e diversidades das comunidades, elencando assim, o detalhamento da metodologia para obtenção de dados e realização das oficina com a comunidade estudada.

## **EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA EM ASSENTAMENTOS RURAIS**

Para se iniciar o diálogo sobre a temática educação geográfica é necessário primeiramente considerarmos o importante trabalho de alguns professores que tiveram sua relevância na história da educação do nosso país, como Freire (1987), que muito contribuiu nessa perspectiva de uma “educação libertadora”, voltada para o conhecimento empírico dos seus educandos, e no poder transformador de uma educação baseada na experimentação, observação e vivências dos aprendizes.

Esses pensamentos intensificaram os debates relacionados ao sistema educacional deste país, se referindo a uma educação que mais alienava os educandos com seus discursos tecnicistas, do que uma educação voltada para a formação de cidadãos reflexivos e transformadores do mundo à sua volta.

Sendo assim, o que se observa na educação formal do nosso país e sua trajetória até o atual momento, é que a educação está entrelaçada a políticas educacionais voltadas para ideologias neoliberalistas, (políticas de privatização da educação) contribuindo principalmente, para que disciplinas vinculadas as Ciências Humanas e Sociais percam sua autonomia nesse campo amplo e complexo.

Além disso, a inquietude dos aprendizes a respeito do que se aprende em geografia, retrata o desinteresse por ela, logo dito isso, o geógrafo Santos (1996), debate com alunos da universidade a temática, “Geografia além de professor” que desperta a curiosidade de saber, para que serve a geografia fora da sala de aula? Ou ainda, é possível aprender, refletir, discutir, conhecer a geografia além das salas de aula? Pois, se tratando do objeto de estudo da geografia, que é o espaço, então, é necessário que se conheça esse espaço para que se discuta e compreenda toda sua dinâmica e complexidade, é essa geografia que ainda está encoberta na nossa sociedade e nas metodologias conteudistas, transmitida pela educação tradicional para os aprendizes.

Porém a geografia analisa, o “espaço como um todo” que o geógrafo Santos (1996) destaca, como sendo, o espaço onde tudo nele está contido, toda a história que se materializou nos objetos, nas relações sociais, no homem, na natureza do espaço, o espaço do nosso cotidiano, esse é que deve ser analisado, refletido, entendido.

Portanto, é necessário ressaltar a importância que esses conceitos apresentam como um convite para uma reflexão relacionada ao termo educação geográfica que se diferencia da educação formal, exatamente, por conter em seus elementos a prática das observações, vivências e experimentações dentro de uma realidade cotidiana, ressaltando a educação geográfica como uma ferramenta poderosa no processo de entendimento do espaço em que estamos inseridos.

Mas o que se observa é que as contribuições dos geográficos estão presos aos métodos tradicionais se distanciando da compreensão da leitura de mundo, como Castellar (2005, p. 212) afirma que “O diálogo existente entre o pensar pedagógico e o saber geográfico permite afirmar que o aluno, vai para a escola e aprende a ler, escrever, e contar, o que se ensina com mais competência; no entanto, o que menos se ensina é a ler o mundo”. e ainda complementa que “(...) a partir da década 1980, o debate na geografia avançou nas Universidades e estagnou nos currículos escolares” (Castellar, 2005, p. 212).

Nesse sentido, se faz necessário construir uma reflexão a respeito da notória preocupação entre os educadores, pesquisadores e geógrafos do país, que trazem contribuições relevantes a respeito de se pensar em uma educação que priorize a capacidade dos sujeitos de observar, refletir, compreender o espaço em que estão inseridos e construir os seus próprios saberes, dando a eles a autonomia necessária para que possam tornar cidadãos reflexivos e ativos diante dos desafios da sociedade.

Castellar (2005), ainda traz a importância de orientar os sujeitos a refletirem sobre acontecimentos geográficos em diferentes espaços, respeitando suas variações, seus conceitos e as diferentes práticas e representações sociais, o que aponta para a prática da Educação Geográfica em todos os contextos, em todos os lugares, em diferentes grupos sociais, contribuindo para um aprendizado mais consistente.

Nesse sentido, pensar a educação geográfica no contexto da agrovila no assentamento em foco, considerando o modo de organização do espaço, as relações sociais, história de luta e resistência dessas famílias, ressalta a importância que tem em observar, refletir, analisar e vivenciar, a diversidade e complexidade de cada espaço, para que novos saberes se construam a partir dessas realidades.

Por tanto, esse saber é considerado como um instrumento de instrução capaz de ir além de métodos tradicionais, voltada para uma prática de educação que estimule os sujeitos a pensarem, e compreenderem a dinâmica do espaço em que estão inseridos, para que estes preparados, apliquem em seu cotidiano o que aprenderam e estejam aptos para atuarem com resoluções diante dos desafios presentes e futuros.

Do mesmo modo, Camacho (2011), contribui com suas ideias de que, deve-se propor que as instruções dos conteúdos geográficos sejam baseadas em metodologias que despertem a curiosidade dos aprendizes, a fim de, compreender as mudanças que ocorrem no espaço e na sociedade, tornando-os capazes de transformar e combater as ideias “neoliberais capitalistas”.

Não obstante dessas ideias, Callai (2018), também aponta observações referentes ao que está se ensinando sobre geografia, pois também destaca que professores e alunos estão presos a didáticas conservadoras, se distanciando do conceito de espaço que é feito de história, vivências e que se materializam e se reconstruem com o tempo vivido, contudo, é nessa perspectiva que a educação geográfica atua, na compreensão dessa dinâmica em que pertencemos e que é gerado por nós mesmos, contribuindo para uma conscientização da nossa cidadania, sendo este elemento, indispensável na prática da educação geográfica.

A respeito desse problema, o relevante diálogo sobre a educação deste país aponta as inquietações dos educadores quanto a práxis na formação dos discente e docentes e os caminhos de instruções dos sujeitos diante de uma sociedade cada vez mais complexa e alienada, é preocupante observar que professores, educadores, estão mais preocupados em ensinar conteúdos, do que preparar os educandos a pensarem, reformularem, e solucionarem problemas referentes ao espaço geográfico em que vivem (Rego *et al.*, 2019, p.10-15).

Por fim, esse primeiro momento foi necessário para trazer uma breve observação a respeito dos avanços que a educação, referente as instruções geográficas a nível de Brasil, tem percorrido, onde se percebe que poucas melhorias foram conquistadas, quando se trata da educação do nosso país, porém, não é esse o cerne do presente trabalho, e sim, pensar, discutir, debater e principalmente identificar a educação geográfica em diferentes contextos, em diferentes escalas, assim como, no assentamento Professor Mauricio de Oliveira, buscando ressaltar a importância da educação geografia em todos os espaços educativos formais ou não. Ademais, é notório o crescente debate a respeito do importante papel que a educação geográfica desempenha como ferramenta que auxilia no processo de introspecção dos conhecimentos geográficos nos sujeitos, ressaltando que esse saber geográfico tem um importante papel no

processo de compreensão do espaço vivido, experimentado, construído, porém, a educação geográfica, de acordo com amostras de análises das Declarações Internacionais da União Geográfica Internacional, nos períodos 2015-2016, apontaram a relevância desse saber para os educandos e evidencia seu crescente debate.

Destacando que apesar da notoriedade dos trabalhos acadêmicos, há uma carência da discussão dessa temática, além de apontarem uma preocupação a respeito da prática que está sendo conduzida a educação geográfica. (Santos e Souto, 2018, p. 109-110).

Ainda de acordo com os autores citados, a educação geográfica tem como seu principal objetivo aprimorar os caminhos entre os processos de compreensão e conhecimento por meio de vivências e experimentações dos aprendizes, ao invés de estagnar nos procedimentos curriculares, onde esses métodos buscam valorizar apenas os conceitos, deixando escapar os saberes adquiridos pelos sujeitos a partir de suas experiências, vivências, e assim, tirando sua autonomia de pensar, refletir, tornando-os incapazes de compreender o mundo a sua volta e assim tirando sua condição de cidadania. (Santos e Souto, 2018, p. 109-110).

Sendo assim, essa reflexão é no mínimo preocupante, diante de uma sociedade que carece de mais estímulos, conhecimentos sólidos, para atuar no seu cotidiano com segurança e autonomia, enfim, uma educação que lhes ensinem de fato, a observar, compreender e identificar as complexidades que o espaço geográfico possui em sua totalidade, para assim direcionar para uma sociedade consciente e livre da ignorância que os cercam.

No entanto, com o que nos deparamos é com políticas educacionais que mais estão preocupadas em instruir os sujeitos para o mercado de trabalho, ao invés de estimular educandos, professores, cidadãos a indagações, inquietações, investigações.

Em virtude do cenário em que se encontra a educação, é pertinente destacar a importância desse novo saber, onde apresenta elementos que possam contribuir para a formação de cidadãos críticos e reflexivos, além de uma proposta relevante diante dos desafios para a geografia contribuindo para uma leitura de mundo mais realista e coerente.

A exemplo disso, Callai 2018, acrescenta que:

A educação geográfica tem como meta a abordagem dos conteúdos da geografia nos processos do ensino e da aprendizagem, possibilitando ao aluno acesso ao conhecimento, de modo que o torne significativo, para que assim possa elaborar o seu próprio pensamento e produzir o seu saber (Callai, 2018, p. 10).

Nessa contribuição, a professora se refere ao ensino escolar, porém, não distingue da função da educação geográfica em todos os espaços, considerando que este saber pode ser encontrado, praticado em diferentes espaços, onde ela vai a todos os lugares, atua em todos os contextos sociais, ensinando os aprendizes a conhecerem e respeitar todas as diversidades.

É nesse sentido, que por meio deste estudo, buscamos observar o assentamento Professor Mauricio de Oliveira e as atividades que nele são realizadas, referentes aos saberes geográficos que são experimentados por um grupo de mulheres protagonistas dessas ações, onde vivenciam através das suas hortas, farmácia viva, quintais produtivos, rodas de conversas, intercâmbios,

canteiros de mudas, produção de algodão agroecológico, criação de abelha e tela artesanal. A questão é, nesse espaço em estudo, se pratica Educação Geográfica? São nessas atividades encontrada saberes geográficos?

Em vista do debate ao que se constitui o que é Educação Geográfica, percebe-se que esse saber ainda se encontra em construção, pois, são diversas as possibilidades que se apresentam diante desta ferramenta, no que diz respeito ao entender, fazer e onde encontrar a Educação Geográfica, portanto, ainda há muitos caminhos a serem percorridos. Dessa forma, Santos e Souto (2018), afirmam que:

[...]constatamos que o entendimento do que comprehende, do “como realizar” e do que representa, de fato, a educação geográfica ainda carece de muita reflexão, e não somente nas esferas dos gabinetes acadêmicos, mas no ambiente escolar. Isto aponta a necessidade de que essas discussões sejam compartilhadas pelos professores de todos os níveis e que sejam publicizadas no intuito de que todos possam entender realmente a importância da educação geográfica” (Santos; Souto, 2018, p. 102).

Em virtude de o termo educação geográfica ainda ser considerado uma temática pouco discutida e assim, pouco entendida por pesquisadores, docentes ediscentes, se faz necessário que se reflita mais sobre esta temática e que o presente estudo possa instigar novos debates referente as lacunas que ainda são encontradas, considerando as circunstâncias atuais em que os estudos apontam sua relevância como metodologia para instrução dos conhecimentos geográficos.

Nesse sentido, o assentamento em análise disponibiliza elementos significativos que correspondem a educação geográfica, quando os sujeitos envolvidos na pesquisa, no caso a mulheres agricultoras, apontam atividades relacionadas aos saberes geográficos, com suas observações, experimentações, vivências e aprendizados.

Onde podemos destacar, economia (economia solidária, horta comunitária, produção de algodão, criação de animais de pequenos e grandes portes), conservação ambiental (viveiros de plantas nativas, banco de sementes familiar, criação de abelhas); relações sociais (Gênero, divisão de tarefas, religião,) redes ( Comissão da pastoral da Terra, Centro feminista 8 de março, Diaconia), nesse contexto, elas aprendem e compartilham seus conhecimentos por meio de cursos de capacitação, reuniões e intercâmbios com outros agricultores (as) familiares, promovidas pelas redes de apoio para a organização e sustentabilidade do espaço e das famílias moradoras do assentamento.

Sob essa perspectiva, considerar que a educação geográfica é uma poderosa ferramenta condutora de conhecimentos geográficos, é perceber que esta ferramenta é a chave para uma educação transformadora, considerando que este saber auxilia no processo de construção do conhecimento e assim, conduz os aprendizes para uma leitura de espaço amplo e complexo, a geografia que Santos (1996), já instigava na busca da compreensão do espaço, historicizado, vivido, concebido, o “espaço banal”, que é definido por ele como um todo onde tudo se correlaciona em diferentes contextos, e escalas.

Dessa forma, investigar a educação geográfica no contexto do Assentamento Professor Mauricio de Oliveira, analisando o espaço, trabalhado, vivido, sofrido por todos que lá

construíram sua história e toda a dinâmica de organização daquele espaço, é sem dúvida uma discussão pertinente no que diz respeita os principais elementos da educação geográfica, como, observação, experimentação, vivências, que contribuem para uma consolidação dos conhecimentos geográficos adquiridos na escola e no nosso cotidiano ao longo das nossas vidas.

Sendo assim, no próximo capítulo dialogaremos apresentando o assentamento Professor Mauricio de Oliveira, tentando uma aproximação da pesquisa de literatura com o diário de campo vivido, para que assim, se possa ter uma visão do assentamento, o recorte espacial deste estudo.

## ASSENTAMENTO PROFESSOR MAURICIO DE OLIVEIRA

O assentamento Professor Mauricio de Oliveira, está situado nas limitações geográfica do sertão, fica localizado nas proximidades da BR304, no município de Assú RN, possui uma área de 3.312ha, com 70 famílias assentadas, de acordo com o Instituto nacional de colonização e de reforma agrária (INCRA/RN 2011), se organizando em agrovila como mostra o mapa 2 a seguir e a foto de identificação do assentamento.

**Mapa 2 - Quintais produtivos no Assentamento Professor Mauricio de Oliveira**



**Fonte** - Joshuá Davinci Nunes Rocha (2024).

Diante da perspectiva do termo educação geográfica, analisar, conhecer, refletir estes saberes, com base na leitura da agrovila do Assentamento Professor Mauricio de Oliveira, pode apresentar contribuições para que mais debates sejam realizados entre professores, educadores, pesquisadores, geógrafos e formandos, com o propósito de entender o papel da educação geográfica como instrumento que auxilia no processo de construção dos sujeitos, relacionado aos conhecimentos geográficos.

Além de, aguçar curiosidades a respeito do potencial que esses espaços, de assentamentos rurais possuem como facilitadores de conhecimentos em diversas áreas com suas vivências, experimentações, trocas de saberes.

Quanto a organização, inúmeras atividades relacionadas à agricultura, pecuária e conservação ambiental são desenvolvidas nesse espaço pelos moradores que cuidam e tiram seu sustento da terra, no entanto, algumas atividades são exclusivamente do grupo de mulheres, entre essas atividades, estão os quintais produtivos com hortifrutigranjeiro, a produção de horta comunitária, viveiro de mudas, farmácia viva, produção de algodão agroecológico, criação de abelha e tela artesanal, guardiã de sementes entre outros.

O assentamento em estudo foi escolhido por apresentar elementos citados acima que possam indicar a presença de educação geográfica com sua história de resistência e luta pelo direito à terra, pelas atividades ocorridas no espaço coletivo, pela forma de organização do espaço e uso do solo, além, da conscientização ambiental trabalhada neste recorte espacial. É pertinente também destacar, que essas famílias possuem um papel fundamental na conquista e organização desse assentamento, onde as mulheres são as protagonistas de atividades que trazem renda e melhorias para agrovila, conforme é mencionado no trabalho de Nascimento e Silva 2015:

Os assentamentos rurais de Assu e Carnaubais foram criados para atender a necessidade de muitos trabalhadores rurais que não tinham posse de terra, de modo que toda a extensão territorial está subdividida em lotes familiares e coletivos e em área de Reserva Legal. No lote familiar, o proprietário tem sua residência e pode desenvolver culturas temporárias ou permanentes e até mesmo criar animais, cuja produção é de sua família. Nos lotes coletivos, a produção e colheita ocorre de forma compartilhada entre todos os assentados, enquanto a área de Reserva Legal é destinada à proteção da fauna e da flora silvestre, não podendo ser aproveitada para o extrativismo vegetal e animal (Nascimento; Silva, 2015, p. 45).

De acordo com a rede de Articulação Semiárido Brasileiro (ASA 2024), foi na década de noventa, que o território das famílias agricultoras e as comunidades tradicionais iniciaram uma história de luta e resistência contra as empresas do agronegócio, essas se instalaram com métodos destrutivos, tanto para a população que ali faziam moradia, como para o ambiente, com suas técnicas de produção de fruticultura irrigada, utilizando excessivamente de agrotóxicos, além da exploração da mão de obra dos trabalhadores que se submetiam por não terem outras alternativas causando exaustão física e problemas de saúde decorrente do veneno usado na produção.

O recorte espacial em estudo, apresenta características que podem identificar a educação geográfica, mesmo que os sujeitos ativos do assentamento não tenham conhecimento do termo Educação Geográfica, ainda assim, é possível identificar esse saber por meios das atividades desenvolvidas neste espaço já citada anteriormente, que em troca de saberes são partilhados com as demais famílias agricultoras, com o propósito de organização e melhoria da agrovila. Sendo assim, o autor Serra (2019), contribui afirmando que:

[...] a Educação Geográfica está presente em todos os contextos educativos onde se encontram o conhecimento e o raciocínio geográficos. A educação popular, os movimentos sociais, educação em museus, a educação

profissional, o turismo, a educação ambiental, entre outros, são contextos em que de alguma forma se constroem conhecimentos e raciocínios geográficos. São onde também, assim como nas escolas, saberes podem ser dialogados e vivências geográficas trocadas, isto é, são âmbitos onde a espacialidade das coisas do mundo pode ser objeto de reflexão e compreensão (Serra, 2019, p.3).

Tendo em vista os argumentos citados acima, se faz necessário refletirmos o uso da terra em assentamentos rurais, principalmente ações protagonizadas pelas mulheres referente aos conhecimentos geográficos que são compartilhados para os demais moradores do assentamento, com objetivo de instruí-los à conservação ambiental, organização de um espaço produtivo e complemento de renda.

Visto que, são pelas mãos e mentes destas mulheres que a luta, a conquista e a organização desse espaço vêm sendo conquistado, contando com o apoio e contribuição de alguns movimentos sociais, sendo os mais destacados pelo grupo, a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e CF8 Centro Feminista 8 de março da Marcha Mundial, Associação de Certificação Orgânica Participativa do Sertão do Apodi – ACOPASA/RN e DIACONIA que são responsável por apoiar o desenvolvimento de programas sustentáveis, no caso, a DIACONIA é um órgão social que desempenha o papel de garantir o fortalecimento e expansão do algodão consociado com culturas alimentares, aproximando as famílias agricultoras ao comércio justo e ao mercado orgânico, por tanto, ele fica responsável pela vistoria e avaliação da produção do algodão, assegurando que respeite as normas da agroecologia, segundo o depoimento de uma das mulheres ativas do grupo que participou da pesquisa. Não obstante desse relato, Lima (2010) confirma que:

São vários os movimentos sociais que se apresentam como mediadores desta luta por terra no Rio Grande do Norte. Atualmente, cinco movimentos sociais se especializam no estado: o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais (STRs), a Comissão Pastoral da Terra (CPT), a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag) e a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Rio Grande do Norte (FETARN, Lima, 2010, p. 55).

Nesse sentido, é pertinente ressaltar que nessas ações de organização que descreve, relações sociais, relações de poder e conflitos, mas também ações relacionadas a preservação ambiental, produção de alimentos saudáveis, aquisição de conhecimentos, como artes manuais que são compartilhados entre as famílias agricultoras, com objetivo de promover a prática de técnicas que possam auxiliar na organização do espaço e complemento de renda para melhoria das famílias da agrovila, pode também se encontrar a educação geográfica.

Conforme Otacioano (2024) relata em sua pesquisa, foi em 2003 que esse grupo de 20 famílias se organizaram nas terras em estudo, passando por fome, sede, frio e medo constante, invisíveis aos olhos das autoridades competentes. O grupo de mulheres descreve que o Instituto Nacional de Colonização e de Reforma Agrária (INCRA), apenas devolveu as terras a elas, mas toda a organização desse espaço, foi iniciativa delas. Desse modo o assentamento em estudo, traz uma história de luta e resistência relacionada ao direito à terra, para morar, produzir, e viver do seu sustento, que por consequência, os sujeitos envolvidos nessa história trazem seus conhecimentos, seus valores construídos aos longos dos anos que se consolida nessas lutas.

Contudo, é válido compreender essas relações, esse espaço de disputa de poderes que se intensificam, gerando contribuições para mais debates críticos e reflexivos, diante de uma sociedade que se mostra leigos diante dos desafios sociais da atualidade. No sentido de refletirmos sobre educação geográfica, a importância do protagonismo das mulheres agricultoras, com ações educativas em assentamentos rurais, foi que se pensou na cartografia social, onde usamos o mapa participativo como ferramenta didática para auxiliar na coleta e análises de dados. Passando para próxima sessão onde abordaremos com um sucinto debate sobre cartografia social.

## **CARTOGRAFIA SOCIAL INTERVENÇÃO COM O MÉTODO DO MAPA PARTICIPATIVO**

Para se pensar em um método que pudesse auxiliar na busca por informações que descrevesse as atividades e os saberes geográficos praticados no assentamento Professor Mauricio de Oliveira, que revelasse a introdução à prática da educação geográfica no assentamento em foco, recorreu-se, a estudos que apresentassem uma metodologia ativa como intervenção na comunidade em análise, que pudesse servir também como coleta de dados para a pesquisa.

Contando com a relevante contribuição dos seguintes trabalhos realizados como “Cartografia social vem se consolidando como instrumento de defesa de direitos” Gorayeb; Meireles, (2014); “Mapeamento Participativo: conceitos, métodos e aplicações” de Araujo; Anjos; Filho (2017); “Mapeamento Participativo e cartografia social: aspectos conceituais e trajetória de pesquisa” Souto; Menezes; Fernandes (2021); “Mapeamento Participativo; uma análise de possibilidades para educação geográfica” Quintanilha; Deus (2022) entre outros.

Nessa sessão, buscou mostrar por meio da literatura como a cartografia social vem se mostrando como uma ferramenta relevante para as comunidades de povos originários, no caso desta pesquisa, para as famílias agricultoras assentadas na comunidade Professor Mauricio de Oliveira, por apresentar elementos que possam representar a realidade desta comunidade relacionado as atividades socioculturais e ambientais que enriquece o presente estudo.

Mas o que é cartografia social? A cartografia social tem sido uma prática que vem sendo inserida aos poucos no meio acadêmico, onde em 1990 foi o ano em que ocorreu o aparecimento do seu conceito no Brasil, conforme Gorayeb; Meireles (2014), porém, foi a partir do Projeto Nova Cartografia Social da Amazonia, coordenado pelo Professor Alfredo Wagner que se intensificou o uso do mapeamento participativo.

Sendo assim, podemos entender que a cartografia social é uma ferramenta que auxilia as comunidades na produção de mapas coletivos, com objetivo de conhecer e analisar as complexidades e diversidades de um lugar, um espaço, ou território, feito pelas mãos dos próprios autores a partir de elementos que representam o cotidiano das comunidades em análise.

Ademais, conforme Araujo; Anjos e Filho (2017), consideram que transformações significativas ocorreram na cartografia nos últimos anos, que desenvolveram ferramentas que auxiliam no processo de instruções referentes aos conhecimentos socioespaciais, precisamente a cartografia social, assim, para eles, essa ferramenta desempenha um papel significativo para

as populações tradicionais por representar realidades cotidianas desse grupo social, dando-lhes voz ativa nos desafios enfrentados por eles.

Portanto, conhecer as comunidades e suas particularidades representada pelos sujeitos que mais conhece essa realidade, que são os próprios moradores que vivenciam e constroem o seu território, a cartografia social, é sem dúvida uma ferramenta importante que auxilia na compreensão da diversidade que esses territórios apresentam, em todo os seus aspectos, tanto físico, como social.

Ainda conforme, Araujo; Anjos e Filho (2017), relacionado ao mapa participativo, eles consideram como um exemplo de representação geográfica que mostra ou apresenta uma comunidade, o território com a realidade que nela é contida, assim possibilitando também, o acesso a estudos que auxiliam na leitura e compreensão das relações sociais, além, de descrever o uso e cobertura vegetal do solo, e a dinâmica populacional.

Contudo, outros estudos vêm contribuir para esclarecer pequenas diferenças entre o mapa participativo e o colaborativo que se difere pela relação mútua entre os participantes envolvidos com a produção do mapa, como Souto; Menezes; Fernandes (2021), que corroboram com suas pesquisas afirmando que:

Os mapeamentos distinguem-se entre participativos ou colaborativos, a depender do nível de interação do participante com o mapa em si. Assim, nos mapeamentos com uso de película transparente sobre o mapa, os participantes marcam diretamente na película os pontos que são relevantes para a questão investigada, com auxílio da pessoa que orienta o mapeamento (técnico, pesquisador ou outros, denominados facilitadores), o que constitui um exemplo de mapeamento participativo (Souto, *et al.*, 2021, p.16).

Nesse sentido, a produção do mapeamento feito pelas mulheres agricultoras da agrovila do assentamento em foco, pode ser considerado como um exemplo de mapa participativo, por apresentar elementos que configuram como o referido, onde elas trabalharam baseando-se em uma figura do mapa do assentamento projetado em uma cartolina branca, na construção elas desenharam o espaço vivido como elas conhecem, contando com o envolvimento de todas ali presentes, interagindo e ajudando na construção mutuamente.

Assim, para Quintanilha e Deus (2022), o mapeamento participativo é uma configuração de mapa por meio da integração, colaboração dos sujeitos envolvidos, onde de acordo com o procedimento irão caminhar juntamente nas escolhas dos elementos que representarão particularmente cada um dos autores no território em que vivem, com dados de representação de características próprias.

Dessa forma, pode-se conceituar mapa participativo, como um desenho cartográfico que trazem elementos significativos, produzidos pela própria população, representando seu espaço, seu território com todas as características nela contidas, que para elas, são importantes, integrando todos em um só propósito, a construção de um desenho da área em que vivem, que represente todos sujeitos e objetos.

A respeito disso, Herrera (2009), entende que cartografia social, tem como objeto de estudo, a área teórica, usando como principal ferramenta técnicas e vivências em sua produção

de mapas coletivos, pelos sujeitos ou grupos conhecedores do território que estão inseridos. O que torna o presente estudo peculiar, no sentido de representação de um território que apresenta elementos na produção do seu mapa participativo que correlacionam as atividades coletivas praticadas pelos próprios autores, identificando uma autonomia e engajamento do grupo de mulheres na organização e sustentabilidade da área em análise.

Nesse sentido, se considerarmos as diversas ferramentas que a cartografia social oferece como ajuda para a compreensão de “leitura de mundo”, perceberemos que inovações vem contribuindo para que a sociedade possa conhecer e compreender melhor o seu espaço e as relações sociais em que vivemos, além de adquirirem conhecimentos das complexidades e desafios existentes em cada local de estudo. Por esse viés, podemos afirmar que a educação geográfica e a cartografia social, nesse contexto, se complementam quando se encontram com o mesmo objetivo, aprender a fazer leitura do espaço historicizado, vivido, experimentado e modificado.

Sendo assim, apresentar a comunidade, precisamente o grupo de mulheres que moram na agrovila do assentamento em foco, usando o mapa participativo, possibilitou a elas armazenamento de bancos de dados, maior integração dos sujeitos envolvidos, conhecimento peculiar do território em que vive, conhecimento dos desafios e perspectivas do uso do solo, além de observar as relações sociais desse assentamento.

Podendo assim, apresentar a comunidade novas possibilidades para a organização do espaço e uso do solo, referentes a estruturas, contribuindo para projetos de melhorias, por meio dos desenhos que representem as casas, as igrejas, áreas de lazer, sistema de esgoto, sistema de irrigação, espaço da horta, os quintais produtivos, viveiros de mudas, e tudo que a comunidade julgar importante e de necessárias melhorias.

Nesse sentido, as comunidades, principalmente as populações tradicionais encontram na cartografia social explicação ou traz informações do espaço conquistado, suas demandas, suas histórias, forma de ocupação e uso do seu espaço, da maneira que cada um sente e percebe, de acordo com suas vivências e experiências, como bem descreve os elementos contidos em um mapa participativo de acordo com Gorayeb; Meireles (2014, p. 5-6), “Em geral, são assuntos relacionados à infraestrutura comunitária, delimitação das terras, denominação dos usos diversos (conservação, caça, pesca, agricultura etc.), aspectos culturais, religiosos e místicos, e conflitos com terceiros.”

Dessa forma, a cartografia social vem mostrando cada vez mais sua relevância diante da realidade das comunidades, dando assim, notoriedade e visibilidade das populações tradicionais. Assim, essa ferramenta passou a auxiliar a comunicação entre meios técnicos da cartografia e a sociedade com as dinâmicas e desafios de diversos grupos sociais.

Diante dessa perspectiva que a cartografia social apresenta para a sociedade, o uso dessa ferramenta oferece possibilidades de realizações de mais pesquisas exploratória que podem trazer para as populações tradicionais muitos benefícios, como exemplo disso, resolver demandas, conflitos e organização do espaço vivido,

A respeito disso, voltaremos a citar Araujo; Anjos e Filho (2017) que corroboram com a seguinte afirmativa:

Na maioria dos casos apresentados, mostrou-se como um instrumento de gestão facilitador e intermediador de problemas sociais e ou ambientais. Esses estudos deveriam apresentar contribuições principalmente as esferas públicas para que os problemas detectados pelas comunidades mapeadas sejam discutidos e tratados de forma que atendam os desejos de ambas as partes, já que documentos cartográficos são instrumentos que auxiliam a tomada de decisões para planejamentos (Araujo; Anjos e Filho, 2017, p. 139).

Portanto, entender a relevância que essa “nova cartografia” representa para o meio acadêmico como um instrumento que ajuda nas pesquisas para a compreensão das comunidades, e a possibilidades de representação mais realista do cotidiano delas, é uma esperança também de mudar o cenário brasileiro referente a marginalização e invisibilidades das comunidades, principalmente das populações tradicionais por meio de uma análise de um mapeamento participativo de um determinado grupo social.

Pensando em uma maneira que pudesse facilitar o processo de análise, resultados e discussões deste trabalho, considerando as especificidades do grupo em estudo, buscou-se desenvolver um plano de ação que orientasse os passos diários desenvolvido nesta pesquisa para a construção do método do mapa participativo que precisou contar com 4 encontros agendados com antecipação para execução da pesquisa em campo.

A pesquisa em campo, usando o método do mapa participativo trouxe para este trabalho uma rica contribuição, no que diz respeito, ao conhecimento da comunidade, destacando suas principais características e respondendo à questão da pesquisa, onde se questiona se é possível identificar a educação geográfica no assentamento Professor Mauricio de Oliveira sobre a metodologia utilizada discutiremos a seguir

### **Metodologia de desenvolvimento do Mapa Participativo a partir dos trabalhos de campo: o Caso de Assentamento Professor Mauricio de Oliveira**

A primeira visita realizada em 04/06/2024, no assentamento Professor Mauricio de Oliveira, foi o momento de conhecer o grupo de mulheres na casa de uma das moradoras do assentamento em foco, que nos recebeu com outras 6 mulheres agricultoras. Dessa forma, iniciou uma conversa espontânea e acolhedora, onde elas ficaram relataram suas atividades, organização e redes de apoio, o momento foi registrado em diário de campo e fotografias da câmera do celular, por fim, a moradora mostrou seu quintal produtivo com a produção de algodão, seus canteiros de frutas, e sua granja com galinhas e pintos. Finalizando o trabalho de campo com o agendamento da próxima visita.

Vale ressaltar que, entre as atividades realizadas por esse grupo de mulheres estão, canteiros de hortas comunitária juntamente com a plantação do algodão agroecológico, quintais produtivos que apresentam uma variedade de culturas e atividades, como, canteiros de hortas, ervas medicinais, fruticultura, granjeiro para animais de pequeno porte, que entre eles se destacam, galinhas, pintos e cabras, criação de abelhas, mudas para reflorestamento e plantas ornamentais, apontando a relevante participação do grupo de mulheres agricultoras que desempenham o papel de cuidar da horta comunitária, cuidar dos quintais produtivos, afazeres domésticos, cuidados com os filhos e organização, não somente do espaço, como também, ações que complementam a renda das famílias e garantem o fortalecimento da agricultura familiar como apresentado na figura 3.

**Figura 3 - Imagens do espaço coletivo: trabalho das mulheres agricultoras na horta comunitária**



**Fonte:** Trabalho de campo, acervo da autora, 2024.

Essas mulheres se fazem presentes e ativas em todas as reuniões dos órgãos sociais apoiadores do desenvolvimento socioeconômico dessas famílias, entre eles se destaca o Centro Feminista 8 de Março (CF8), Centro Pastoral da terra (CPT) e organização social (DIACONIA) que é responsável por apoiar desenvolvimento de programas sustentáveis, desempenhando o papel de garantir o fortalecimento e expansão do algodão consociado com culturas alimentares, aproximando as famílias agricultoras ao comércio justo e ao mercado orgânico.

A segunda visita foi registrada na data 02/07/2024 em uma reunião realizada na Associação do Assentamento Professor Mauricio de Oliveira (APMO), com os agentes do Centro Pastoral da Terra (CPT), com a pauta “caderno de campo do algodão e manejo do algodão”, observou-se que a maioria dos participantes da reunião eram compostas por mulheres, engajadas e compromissadas, onde tem anotações em cadernos com informações sobre as demandas da produção do algodão. Também foi possível observar a organização delas, dando ênfase para a divisão de tarefas, que se organizam entre, tesoureira, esta fica responsável de transmitir para o grupo todos os projetos, organizar as atividades, fazer contatos com as redes de apoio, faz lista de material necessário, compras dos materiais, e presta contas com as redes de apoio e com o grupo de mulheres, além de ser coordenadora da comissão de avaliação, compõe também a organização, o coordenador de comissão de ética e a relatoria do algodão.

A terceira visita aconteceu em 16/07/2024 com um encontro marcado com o grupo de mulheres na horta comunitária da agrovila do assentamento às 7: 00h, cuja atividade foi visitar mais alguns quintais produtivos para registrar as atividades e coletar dados, foi usado câmera de celular e um aplicativo de GPS Mobile Topographer para registrar os pontos que foram

visitados no assentamento. A seguir a figura 4 de um dos quintais produtivos de uma moradora participante do grupo de mulheres do assentamento.

**Figura 4** - Imagens dos quintais produtivos com canteiros de fruticulturas, galinheiros, hortaliça e viveiro de mudas



**Fonte:** Trabalho de campo, acervo da autora, 2024.

Após o processo de observação e registros, o presente estudo encaminhou para ação do plano de oficina que se iniciou em 05/07/2024, com a produção de slides para apresentação e execução da oficina, dedicando um dia de preparação e estudos dos conteúdos como: Educação Geográfica, Cartografia Social e Mapeamento participativo realizado na própria residência da pesquisadora.

Para que pudesse realizar as atividades em campo e descrever a construção do trabalho em campo detalhadamente, contou com uma tabela de atividades, que se denomina como plano de ação, como apresentada na tabela 1:

**Tabela 1 - Plano de Ação**

ATIVIDADES	DATA	HORÁRIO	LOCAL	MATERIAL	TRANSPOR TE
Estudo bibliográfico	2023/24	X	X	Site de pesquisa, como Google Acadêmico, Scielo, livros, artigos	X
Agendamento para a 1ª visita de campo com antecedência com a moradora Samara	22/05/24	17h40	Residência particular	Celular	X
Foi agendada a 1ª visita a campo com a coordenadora do grupo de mulheres Sr. <sup>a</sup> . Samara	28/05/24	10h	Residência particular	Celular	X
1ª visita de campo. O 1º momento foi reservado para conhecer moradores e local do assentamento por meio de uma roda de conversa com os possíveis participantes da pesquisa para explicar o projeto e toda a metodologia. 04/06/2024.	04/06/24	15h30	Residência particular da S <sup>a</sup> Samara Assentamento Prof. Mauricio de Oliveira	Celular, Site google localização caderno de anotações, caneta esferográfica.	Carro particular

No 2º momento deste encontro, foi reservado para observar as atividades dos moradores do assentamento, sua organização, dinâmica, atividades desenvolvidas. Anotações em diários de campo das atividades descrevendo as metodologias, e o roteiro de cada atividade, 3º momento foi feito registro visual por meio de fotografias e filmagens das atividades ocorridas.	04/06/24	X	Vila do assentamento Professor Mauricio de Oliveira	Celular, caderno de anotações, caneta esferográfica	Caminhada
Tentativa de contato com Samara para um novo agendamento para 2ª visita de campo.	25/06/24	14h28	Residência Particular	Celular	X
Retorno da mensagem pelo WhatsApp da Srª. Samara	26/06/24	10h24	Residência particular	Celular	X
Nova tentativa para um próximo encontro. Previsão para 2ª vista de campo dia 13/07/2024.	27/06/24	X	Residência	Celular	X

Construção do mapa do assentamento	28/06/24	X	Residência	Projetor, computador cartolina, régua, caneta permanente, lápis, borracha.	X
2ª visita ao assentamento, observação da reunião do algodão com os membros do SPT juntamente com o grupo de mulheres. Registro em fotos, anotações em diário do campo.	02/07/24	13h40	Associação APMO. Assentamento professor Mauricio de Oliveira	Celular, caderno de anotações, caneta	Carro particular
Planejamento da oficina em slides para apresentação para o grupo de mulheres	05/07/24	15h	Residência	Computador caderno de anotações	X
Visita no Assentamento Professor Mauricio de Oliveira para anotação das coordenadas para a construção do mapa técnico.	16/07/24	7h	Assentamento Professor Mauricio de Oliveira	Celular, GPS do app Mobile Topographer, caderno de anotações, caneta,	Carro particular

**Fonte:** Organização da autora, 2024.

Ainda nesse sentido de estrutura da pesquisa, um plano de oficina também foi construído pelo pesquisador, a fim de facilitar a proposta de intervenção com a criação do mapa participativo pelo grupo de mulheres que atuam nas atividades do assentamento. Portanto, segue o plano de oficina na tabela:

**Tabela 2 - Plano de oficina**

**1. PLANO DE OFICINA**

**Tema:** Educação geográfica e Cartografia social: uma leitura a partir do método do mapa participativo

**2. OBJETIVOS:**

Objetivo geral:

- Apresentar uma prévia dos conceitos básicos do que é educação geográfica, cartografia social e construção do mapa participativo e sua importância.

Objetivos específicos:

- Discutir parcialmente a educação geográfica
- Explicar a cartografia social e a construção do mapa participativo.
- Destacar a importância dessa metodologia para a comunidade em assentamentos
- Identificar ações educativas no assentamento que correlacionem com a Educação Geográfica.

### **3. CONTEÚDOS:**

- Educação geográfica;
- A Cartografia social;
- O método mapa participativo.

### **4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E PROPOSTA DIDÁTICA:**

- A metodologia da oficina envolverá exposição teórico da temática, Educação Geográfica, com o uso da literatura referenciada no projeto, argumentação e diálogo relacionado ao conteúdo (interpretação e problematização, interação com os saberes prévios dos moradores participantes).
- Além de refletir a respeito das atividades realizadas por elas correlacionando com saberes geográficos. E por fim, a oficina será realizada no espaço da Associação Professor Mauricio de Oliveira com duração de 2h.
- A proposta didática se deu por meio de uma atividade de construção de um mapa participativo feito pelos próprios moradores do assentamento (participantes do projeto). Nesse mapa o grupo de mulheres, moradoras da vila irão escolher os pontos principais que ocorrem atividades cotidiana relacionada ao uso e organização do espaço, irão apontar a relevância que essas atividades têm para a vila e os desafios, utilizando-se de figuras e desenhos. Posteriormente este mapa poderá ser utilizado pela comunidade como auxílio para fins educativos ou explicativos para a compreensão do seu território.
- Por fim, é pertinente ressaltar que essa atividade é relevante por utilizar ferramentas que auxiliam no conhecimento e compreensão da área em estudo tanto para os pesquisadores acadêmicos, como para os agentes sociais envolvidos na pesquisa.

### **5. MATERIAIS DIDÁTICOS**

• Notebook		
• Lápis de cor	unid.	1
• Fita gomada	unid.	1
• Lápis de madeira	unid.	8
• Borracha	unid.	1
• Réguas uni.	unid.	4
• Cartolina branca	unid.	4
• Caneta esferográfica	unid.	3
• Caneta pilot	unid.	1

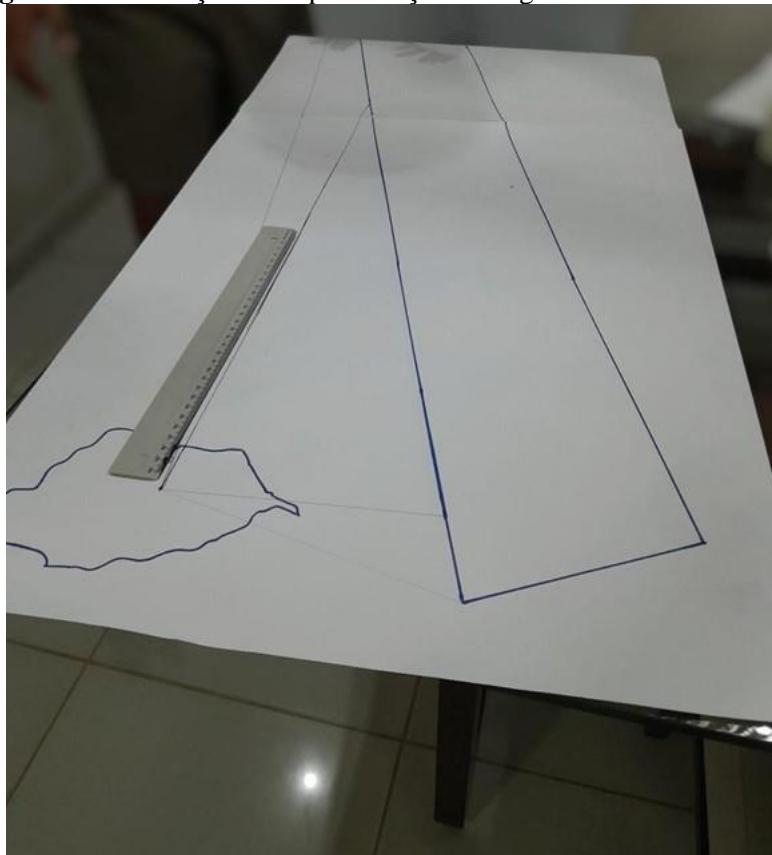
O Plano de oficina foi usado como uma ferramenta auxiliar no processo da construção do mapa participativo, a fim de abordar a temática da educação geográfica, da cartografia social e do método do mapa participativo, buscando desenvolver um diálogo com o grupo de mulheres agricultoras do assentamento em análise, com o propósito de esclarecimento e compreensão do objeto de estudo da pesquisa.

Dito isto, segue então para a 4ª visita, para realização de trabalho de campo que se deu no dia 27/07/2024, por volta das 7h:30min. contando com a participação e colaboração do professor Joshuá Davinci Nunes Rocha que fez imagens aéreas com o drone, registrando algumas áreas do assentamento para a produção do mapa técnico. Nesta data também foi realizada a intervenção com a oficina, cuja, atividade foi a construção do mapa participativo, onde as protagonistas desta construção foram as mulheres agricultoras do assentamento.

Primeiramente foi elaborado pelo pesquisador em sua residência, uma imagem (Figura 5) que corresponde a área do assentamento Professor Mauricio de Oliveira, usando um projetor para transferir a imagem para as cartolas, em um tamanho adequado para que o grupo

pudesse através dessa imagem construir as características do espaço que elas estão inseridas, de acordo com suas vivências e seus conhecimentos relacionados a área.

**Figura 5** - Elaboração da Representação Cartográfica do Assentamento



**Fonte** - Trabalho de campo, acervo da autora, 2024.

Após dialogar com o grupo participante, o que é Educação Geográfica, cartografia social e mapa participativo por meio de apresentação de slides para que através das imagens pudessem compreender melhor a atividade, foi apresentado para elas a imagem criada pelo pesquisador e a explicação do passo a passo da construção do mapa participativo, com o objetivo de orientar na construção delas. E por fim, seguiu para a divisão dos grupos.

As participantes se dividiram em 6 (seis) mulheres em cada grupo, mas todas ficaram juntas em uma grande mesa, onde dialogavam umas com as outras e aproveitavam para trocar experiências cotidianas relacionadas a saúde, afazeres domésticos, cuidados com os quintais produtivos, entre outros assuntos e se ajudavam mutuamente na construção do mapa.

O momento da construção se deu com materiais de apoio, como 1 notebook, 4 unidades de cartolina branca, fita gomada, 8 lápis madeira, 3 canetas esferográfica, 1 borracha, 1 caixa de lápis de cor, 4 régulas, para que assim elas pudessem construir seus desenhos de acordo com suas leituras de mundo. Nesse momento, elas realizaram a atividade e representaram seu território, dando destaque para as atividades que elas realizam no assentamento.

Por fim, todas se posicionaram para o registro do resultado do trabalho e nos confraternizamos com um café compartilhado providenciado por uma das participantes. A oficina iniciou às 8:00h. e finalizou às 9h:52min, como é possível verificar nas figuras 6 e 7,

oficina realizada na agrovila do assentamento Professor Mauricio de Oliveira com o grupo de mulheres agricultoras.

**Figura 6** - Imagem da oficina na associação de moradores APMO da agrovila com o grupo de mulheres agricultoras



**Fonte:** Trabalho de campo, acervo da autora, 2024.

**Figura 7** - Grupo de mulheres agricultoras construindo o mapa participativo



**Fonte** - Trabalho de campo, acervo da autora, 2024.

As fotos indicam o grupo de mulheres agricultoras desenhando sobre a cartolina a organização do espaço da agrovila, como um reconhecimento do seu trabalho. Conforme apresentado na figura 8, o mapa participativo final, elaborado pelo grupo de mulheres agricultoras, retrata os principais elementos do espaço da agrovila, como quintais produtivos, horta comunitária, chafariz, igrejas, viveiros de mudas, criação de animais, e a vila de casas,

simbolizando o espaço de moradia idealizado pelas famílias do Assentamento Professor Mauricio de Oliveira.

Figura 8: Mapa Participativo final elaborado pelo grupo de mulheres agricultoras do Assentamento Professor Mauricio de Oliveira



**Fonte:** Trabalho de campo, acervo da autora, 2024.

Como podemos observar na figura 8, as mulheres ao desenharem e organizarem o espaço a partir de suas próprias experiências e saberes, essas mulheres exercem um protagonismo na construção de sua realidade territorial. Ou seja, esses elementos como quintais produtivos e hortas comunitárias não apenas representam as práticas agrícolas, mas também simbolizam a autonomia e a resiliência das comunidades rurais. A visualização desse espaço compartilhado reforça o sentimento de pertencimento e a importância do trabalho coletivo na estruturação do assentamento, destacando as conquistas e as aspirações do grupo.

Ademais, a escolha da intervenção pelo o método do mapa participativo se deu baseado na contribuição de Acselrad (2008), por ressaltar a importância do mapa participativo para as comunidades, dando-lhes estrutura do controle sobre o conhecimento a respeito dos recursos locais, além de ofertar aos moradores mais conhecimento sobre os seus recursos e também por facilitar para os sujeitos externos acesso ao conhecimento do espaço no caso do estudo presente, permite que outras pessoas que não moram na comunidade possam conhecer os recursos, as atividades, história de luta e resistência das comunidades em análise.

Nesse sentido, o mapa participativo contribui para o presente estudo como também uma possível ferramenta de coleta de dados do assentamento e das atividades realizada pelo grupo de mulheres agricultoras, por apresenta elementos que condizem com as principais características da educação geográfica, onde as mulheres agricultoras moradoras do recorte espacial em análise, debatem, observam, experimentam, vivenciam e aprendem sobre o espaço em que estão inseridas, por meio da prática de diversas atividades já citadas no decorrer do texto,

correlacionados aos saberes geográficos, ressaltando ainda, que “a educação geográfica está presente em todos os contextos educativos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo, foi possível extrair os dados coletados, por meio de observações e registros em diário de campo, vivencias com as mulheres agricultoras e registro fotográficos, pôde observar que as atividades de organização do espaço da agrovila realizados pelos, sonhos, projetos e mãos das mulheres agricultoras residentes, estão correlacionados aos saberes e vivências geográficas, como bem mencionou Serra (2019), afirmando que a educação geográfica se encontra em todos os contextos educativos e em diferentes escalas, respeitando as diversidades e contradições.

Sendo assim, identificar a educação geográfica no âmbito do Assentamento Professor Mauricio de Oliveira, notando as atividades realizadas pelas mulheres agricultoras da agrovila, é levar em consideração que este espaço pode ser considerado como um importante ambiente para promoção de conhecimentos geográficos e práticas socioeducativas.

Nessa perspectiva, ressaltar como elas organizam seu espaço por meio de práticas de conservação ambiental com a produção de mudas, guardiã de sementes e os cuidados com a reserva florestal; produção de alimentos saudáveis com produção de hortaliças, fruticulturas, galinheiros, apicultura; economia solidária com produção de horta comunitária consociada com algodão para abastecer as feiras de Assú e cooperativas, a exemplo disso, ACOPASA/RN.

Dessa forma, este trabalho apresenta contribuições significativas para que mais debates possam se realizar no contexto de assentamentos com populações tradicionais, afim, de reconhecer esses espaços e sua importância socioeducativa para a sociedade como um todo.

## **REFERÊNCIAS**

ACSELRAD, Henri (org.). **Cartografias Sociais e Território**. Rio de Janeiro IPPUR/UFRJ,2008.Disponível em:

[http://www.ettern.ippur.ufrj.br/central\\_download.php?hash=467ab838abf48499b7dbb9f41fa3268c&id=8](http://www.ettern.ippur.ufrj.br/central_download.php?hash=467ab838abf48499b7dbb9f41fa3268c&id=8) Acesso em: 10 maio. 2024.

ARAÚJO, Franciele Eunice; ANJOS, Rafael Silva; ROCHA-FILHO, Gilson Brandão. Mapeamento participativo: conceitos, métodos e aplicações. **Boletim de Geografia**, v.35, n.2, p.128-140, 2017.

ASA. Brasil. **Um dia para ir ao campo e se reabastecer com histórias de resistência dos povos do semiárido**. Disponível em:

<https://www.asabrasil.org.br/102-ix-enconasa/noticias/10019-um-dia-para-ir-ao-campo-e-se-reabastecer-com-historias-de-resistencia-dos-povos-do-semiarido>. Acesso em: 07 jul. 2024.

CALLAI, Helena Copetti. Educação geográfica para a formação cidadã. **Revista de Geografia Norte Grande**, Santiago, n. 70, p. 9-30, 2018. Disponível em:

<https://dx.doi.org/10.4067/S0718-34022018000200009>. Acesso em: 07 jul. 2024.

CAMACHO, Rodrigo Simão. A Geografia no contexto da educação do campo: construindo o conhecimento geográfico com os movimentos camponeses. **Revista Percuso-NEMO**, Maringá, v.3, n.2, p.25-40, 2011.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. Educação geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar. **Cadernos Cedex**, v.25, p.209-225, 2005.

CENTRO FEMINISTA 8 DE MARÇO. A instituição. Disponível em: <https://centrofeminista.com/a-instituicao/>. Acesso em: 16 jul. 2024.

DIACONIA. Projeto Algodão em Consórcios Agroecológicos. Disponível em: <https://bemvindo.diaconia.org.br/pt/atuacao/projeto-algodao-em-consorcios-agroecologicos>. Acesso em: 16 jul. 2024.

FERNANDES, Francisco das Chagas de Mariz. **Referencias Metodológicas Para Iniciantes em investigação qualitativa**: um estudo de caso/Fernandes, Francisco C. M. Natal: FCMF Editor, 2017.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro, **Paz e terra**, 1987.

GORAYEB, Adryane. (org.). **Cartografia Social e Populações Vulneráveis**. Fevereiro de 2014. Disponível em: [chromeextension://efaidnbmnnibpcajpcglclefindmkaj/https://clinicasdotestemunhosc.weebly.com/uploads/6/0/0/8/60089183/cartilha-cartografia-social\\_1.pdf](chromeextension://efaidnbmnnibpcajpcglclefindmkaj/https://clinicasdotestemunhosc.weebly.com/uploads/6/0/0/8/60089183/cartilha-cartografia-social_1.pdf). Acesso em: 06 jul. 2024.

GORAYEB, Adryane; MEIRELES, Jeovah. Cartografia social vem se consolidando como instrumento de defesa de direitos. **Rede Mobilizadores**, 10 fev. 2014.

Disponível em:  
<<http://www.mobilizadores.org.br/coep/Publico/consultarConteudoGrupo.aspx?TP=V &C>

Acesso em: 10 de ago. 2024.

HERRERA, J. **Cartografia Social**. Universidad Nacional Cordoba, 2009. Disponível em: <https://juanherrera.files.wordpress.com/2008/01/cartografiasocial.pdf>. Acesso em: 10 de ago. 2024.

IBGE. **Densidade demográfica**. Censo demográfico 2010, Área territorial brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.